

METÓDOS PARTICIPATIVOS APLICADOS EM PROJETOS DE PESQUISA

¹ ALINE DA SILVA FREITAS; ² LÍVIA WINKEL FERNANDES; ³ MOANA BELLOTTI;
⁴ ADRIANA PORTELLA

¹ Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Bolsista de Iniciação Científica PBIP/ UFPel – freitas.aline89@gmail.com

² Arquiteta e Urbanista, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGRAU, Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, arq.liviafernandes@gmail.com

³ Arquiteta e Urbanista, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGRAU, Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, moanabellotti@hotmail.com

⁴ Prof. Dra. Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGRAU – adrianaportella@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar métodos participativos aplicados em projetos de pesquisa na cidade de Pelotas, RS. A análise de percepção dos usuários sobre a acessibilidade do Parque Dom Antônio Zattera e a legibilidade da cidade quanto a localização dos prédios da Universidade Federal de Pelotas são os temas abordados. A aproximação entre pesquisador e a comunidade é de extrema importância para que haja um melhor entendimento do espaço de intervenção existente e o ideal.

Se na década de 70 a participação das comunidades em projetos estava ligada à coleta de informações rápidas, atualmente esse método tem procurado contribuir para o processo de pesquisa e desenvolvimento, tendo a participação direta da comunidade, sendo aplicada em diversos contextos sociais e ecológicos, servindo como influência para o mundo inteiro. Essa participação não envolve somente o meio político, mas também a participação da população na prestação dos serviços que anteriormente eram de responsabilidade do Estado. Ainda, pode-se dizer que a participação das comunidades aumentou quando os valores dos direitos humanos e da democracia passaram a ser reconhecidos como fundamento para o desenvolvimento de um local. Entretanto, ao mesmo tempo em que a participação expandiu os movimentos sociais também ganharam evidência, a fim de exigir seus direitos da cidadania do Estado e expressar, muitas vezes, resistência frente às maneiras em que o Estado lida com a sociedade.

A aplicação da pesquisa participativa aconteceu em dois projetos de pesquisa, sendo eles “A acessibilidade de parques e praças segundo a percepção do usuário: desenho universal ou segregação?” e “Análise do Sistema de Wayfinding e da Experiência do Usuário nas Cidades Históricas com Atividade Turística e Universitária: O Caso da Cidade de Pelotas”. Na primeira investigação, o objeto de estudo foi o Parque Dom Antônio Zattera, onde existe uma escola primária, Escola Ruth Blank. Nessa escola foi proposto uma interação com as crianças através de conversa e distribuição de materiais de desenho para que elas demonstrassem como sentiam a relação da escola com o parque. Na segunda o alvo foram os estudantes da Universidade Federal de Pelotas, houve a aplicação de mapas mentais solicitando que fossem feitos esquemas do trajeto de casa até o prédio onde estudam.

2. METODOLOGIA

O primeiro processo, junto à escola, foi através de entrevista com professoras e diretora da escola para conhecer a rotina da escola em relação ao entorno. Apesar de alguns considerarem que as crianças não têm um claro entendimento do mundo ao seu redor, o processo de projeto as julgou como parte importante para desenvolvimento do estudo, afinal o meio em que vivem gera um grande impacto na formação desses indivíduos. Durante uma tarde desenvolveram-se atividades lúdicas de desenho representando quais os sentimentos das crianças quanto ao parque, por meio de conversas e estímulo a representação livre com a distribuição de folhas, giz de cera e canetinhas coloridas. Os processos foram baseados em estudos sociais e comportamentais aplicados com crianças.

O segundo processo, foi o de entrevista junto às unidades da universidade, devido ao grande número de unidades limitou-se uma área de estudos onde há a maior concentração de unidades, portanto um maior número de usuários. Os estudantes foram abordados e responderam dados básicos como curso que frequentam, semestre atual, idade e há quanto tempo residem em Pelotas. Logo em seguida questionou-se qual seria o trajeto realizado de sua casa até o local onde estudam, assim foram disponibilizados papel e caneta para um breve esquema demonstrativo de livre criação com pontos de referencia utilizados para seu deslocamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os processos de pesquisa ainda estão em andamento, até o presente no primeiro estudo de caso os desenhos e conversas com as crianças demonstram a falta que as mesmas sentem de brincadeiras no parque, devido a grande área e aumento de criminalidade tornou-se inseguro a aplicação de atividades ao ar livre sem comprometer a segurança de todas e demandando um grande número de profissionais da escola para vigiá-las, conforme relato das próprias responsáveis pela escola.

Para o processo de interpretação dos desenhos será baseado no livro de Nicole Bedard Como Interpretar os Desenhos das Crianças (2003) e o auxílio de uma psicóloga especialista em análise comportamental infantil. No caso dos universitários, notou-se dificuldade de localização, principalmente por grande parte não ser natural de Pelotas, assim não conheciam muito da cidade, de modo que não há placas de orientação acabam por contar com a orientação de outras pessoas ou ainda com mapas via internet. O objetivo da criação dos mapas mentais é justamente entender quais os pontos referenciais em comum entre pessoas que frequentam os mesmos locais. Cada pessoa tem determinadas associações com partes da cidade, e a imagem que ele faz delas está impregnada de memórias e significados (LYNCH, 1960).

4. CONCLUSÕES

Através das atividades desenvolvidas, evidenciou-se o quão importante é para os trabalhos de pesquisa o contato com os principais indivíduos envolvidos no meio de estudo. A presença de dados como os adquiridos reforçam e resultam

em melhores decisões de projeto e serão de grande utilidade para desenvolver as atividades à cerca das temáticas abordadas nos trabalhos.

Durante os processos as experiências são de grande valor para os empregadores e ainda para estimular os usuários a pensar o urbanismo com uma visão mais crítica e ajudando no desenvolvimento urbano e social dos ambientes em que participam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo, Pini, 1990.

CULLEN, Gordon. **The concise townspace**. London, The Architectural Press, 1971.

BEDARD, Nicole. **Como Interpretar os Desenhos das Crianças**. Editora Isis, 2003.

DEL RIO, V.; IWATA, N.; SANOFF, H. Programação e métodos participativos para o projeto de arquitetura: o caso do colégio de aplicação da UFRJ. **NUTAU'2000 – TECNOLOGIA & DESENVOLVIMENTO**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.105-113, 2000.

MEDEIROS, B. C. D.; FRANCISCHINI, R. Pesquisa e intervenção com crianças: a participação desses sujeitos enquanto pressuposto. In: **II SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO EM ESTUDOS DA CRIANÇA**, 1., Porto Alegre, 2014. **Anais...** Porto Alegre: Faculdade de Educação - UFRGS, 2014. v.1.

COLONNA, E. O uso de metodologias participativas na investigação com crianças: algumas considerações a partir de uma pesquisa na periferia de Maputo. **Revista Pedagógica – UNOCHAPECÓ**, Chapecó, v. 26, n. 1, p. 259-290, 2011.